



Representantes comerciais e a IA: transformação, não substituição

Paulo Nauiack (*)

Nos últimos anos, os avanços em inteligência artificial (IA), especialmente com o uso de tecnologias generativas, têm provocado debates em praticamente todos os setores da economia

Com a capacidade de automatizar tarefas e gerar conteúdo, a IA passa a ocupar funções que antes exigiam habilidades exclusivamente humanas. No setor comercial, essa transformação está em curso — e exige reflexão.

Um estudo recente da Microsoft, “Working with AI: Measuring the Occupational Implications of Generative AI” (2024), mapeou as 40 profissões mais impactadas por ferramentas baseadas em IA generativa, nos Estados Unidos. A função de representante comercial (de vendas) aparece em 4º lugar entre as ocupações com maior suscetibilidade à automação de tarefas. Esse dado acende um alerta importante: o avanço tecnológico é inegável, mas a leitura correta desse cenário não deve ser o temor da substituição, e sim a oportunidade da adaptação.

No CORE-PR, temos trabalhado para posicionar a inteligência artificial como ferramenta complementar, jamais substituta. As tecnologias podem, sim, executar processos analíticos, gerar relatórios e auxiliar na gestão de informações — mas não replicam o que há de mais essencial no trabalho do representante comercial: o relacionamento humano. A escuta ativa, a confiança mútua, o entendimento do contexto regional, a negociação presencial e o conhecimento de mercado continuam sendo elementos fundamentais nas relações comerciais. Esses atributos são, por natureza, insubstituíveis por máquinas.

Além disso, o Brasil apresenta particularidades que intensificam essa realidade. Estima-se que o país possua cerca de 1 milhão de registros de profissionais ou empresas que atuam com representação comercial, segundo dados do Conselho Federal dos Representantes Comerciais (Confere), movimentando cifras bilio-

nárias por meio de relações construídas com base na confiança e na presença territorial. No Paraná, são aproximadamente 19 mil profissionais registrados, que movimentaram, em 2024, R\$106,4 bilhões, representando 16,45% do PIB estadual. Esses números evidenciam não apenas a relevância econômica da categoria, mas também o potencial estratégico de sua atuação diante das transformações digitais.

No entanto, reconhecer a importância da dimensão humana não significa ignorar a necessidade de modernização. Ao contrário: os representantes que dominarem o uso de tecnologias de IA estarão melhor preparados para responder às exigências do novo mercado. Ferramentas de automação podem otimizar rotas, organizar portfólios, interpretar dados de consumo e gerar propostas com mais agilidade. O desafio — e a oportunidade — está em integrar esses recursos à prática comercial, sem abrir mão da inteligência emocional, da ética e da proximidade com o cliente.

Nesse contexto, o CORE-PR atua para incentivar, orientar e valorizar os representantes comerciais. Investimos em programas de qualificação, promovemos debates sobre inovação e oferecemos suporte técnico e jurídico. Também defendemos a importância do registro profissional, que garante respaldo legal, acesso a formações continuadas e representatividade institucional. Nosso papel é assegurar que o profissional paranaense esteja preparado para um mercado em constante mudança — mas com princípios inegociáveis: a valorização da profissão e o protagonismo humano nas relações de trabalho.

É preciso compreender que a inteligência artificial, por mais sofisticada que seja, não substitui a inteligência das relações. A tecnologia deve ser usada com estratégia, com propósito e com ética. E o representante comercial que souber equilibrar esses elementos será cada vez mais necessário — e não descartável — no futuro do mercado.

(*) Diretor-presidente do CORE-PR.

Empresas de capital aberto precisam acelerar adaptação aos novos padrões globais IFRS de relatórios financeiros

Com reporte obrigatório em 2027 trazendo como referência o ano de 2026, os famosos cadernos S1 e S2 do IFRS pressionam as Companhias.

A Climatempo, como maior empresa de meteorologia privada, aumenta seu portfólio trazendo uma solução de ponta a ponta do diagnóstico ao monitoramento climático.

As empresas de capital aberto têm pouco tempo para se preparar para a entrada em vigor, a partir de 2026, dos novos padrões globais IFRS S1 e S2, também conhecidos no Brasil como CBPS 01 e CBPS 02, que estabelecem requisitos para a divulgação de informações financeiras relacionadas à sustentabilidade e riscos e oportunidades climáticas. No país, esses padrões foram incorporados por meio da Resolução CVM 193/23 e a Resolução CMN nº 5.185/2024, tornando sua adoção obrigatória a partir de 2027, com base em dados de 2026. Essas normas refletem a crescente pressão global por transparência, comparabilidade e robustez na gestão de riscos ESG, especialmente os climáticos, com impactos diretos na confiança do investidor e no custo de capital das organizações.

Diante deste cenário, a Climatempo, a maior e mais reconhecida empresa de consultoria meteorológica do Brasil e da América Latina, ampliou o seu escopo de forma a apoiar as empresas com uma estratégia de resiliência climática completa, de ponta a ponta, partindo do diagnóstico dos riscos, passando pela valoração



financeira e chegando ao monitoramento climático como ferramenta fundamental para dar tração aos planos de ação do Plano de Adaptação Climático, essencial para o cumprimento das normas.

O impacto financeiro direto associado aos desastres naturais no mundo chegou à cifra de US\$ 380 bilhões em 2023, e seguiu em grande proporção em 2024, o primeiro ano da história a ultrapassar a marca de 1,5 graus celsius de aquecimento global acima dos níveis pré-industriais. Nesse contexto, as mudanças climáticas não apenas estão impactando as operações e os resultados das empresas de capital aberto, como requerem um arcabouço de medidas para responder às novas demandas e regulamentações.

“Os novos padrões de reporte não representam apenas uma nova forma de divulgar dados de sustentabilidade, mas sim um avanço fundamental na integração entre informações financeiras

e riscos climáticos. Essa conexão possibilita maior previsibilidade e transparência para os agentes do mercado. Além disso, reforçam a importância da implementação efetiva de medidas de adaptação, tornando o monitoramento climático um pilar essencial para estratégias robustas de resiliência”, explica Ygor Fernandes Silva, executivo da Climatempo que está liderando o novo modelo de negócio.

À frente de consultoria especializada em sustentabilidade, gestão de riscos climáticos e valoração financeira, conectada diretamente ao reconhecido know-how em monitoramento meteorológico e climático da Climatempo amplia o uso estratégico das ferramentas já consolidadas, como o SMAC (Sistema de Monitoramento e Alerta da Climatempo), os radares meteorológicos, os serviços de previsão e alerta, e toda a base de dados climáticos como fundação para

análises mais profundas e integradas.

O modelo de negócio parte da identificação de riscos físicos, como tempestades, inundações e secas, que afetam diretamente a infraestrutura e as operações das empresas, e dos riscos de transição, que envolvem mudanças regulatórias, tecnológicas e de mercado diante da transição para uma economia de baixo carbono.

“A partir do cruzamento entre dados climáticos e a localização dos ativos, mapeamos áreas vulneráveis e qualificamos a probabilidade e o impacto de eventos extremos, oferecendo diagnósticos valiosos para planejamento e tomada de decisão”, afirma Ygor Fernandes Silva.

Com base nessas análises, a valoração financeira dos riscos climáticos é realizada, quantificando os possíveis impactos econômicos no negócio. Esses dados, integrados ao monitoramento contínuo em tempo real e às previsões antecipadas, se desdobram em planos de adaptação climática customizados.

Essa abordagem é operacionalizada por meio das ferramentas líderes da Climatempo, como o SMAC e a inteligência dos meteorologistas, e garante que as empresas possam antecipar ameaças, responder com agilidade e construir estratégias de resiliência eficazes e orientadas por dados.

Por que a IA pode ser a chave para um trabalho mais criativo e menos desgastante

O Brasil e o mundo vivem uma espécie de epidemia de síndrome de burnout, conforme apontam levantamentos de diversas fontes. Dados da Associação Nacional de Medicina do Trabalho indicam que três em cada dez trabalhadores no país sofrem com a síndrome, consequência direta do excesso de sobrecarga laboral. Desde 2022, o burnout é reconhecido como doença pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Percebemos, então, que é preciso um outro olhar sobre as inovações tecnológicas. Em um momento em que a inteligência artificial avança, e amedronta profissionais temerosos de perder colocação no mercado, o medo de ser substituído por um robô deve ser trocado por uma nova perspectiva. A automação em massa e a inteligência artificial representam oportunidade histórica de libertação, afirma o CEO do Atomic Group, Filipe Bento.

“O ser humano não vai precisar ser mais escravizado. Essa coisa de [a tecnologia] substituir humano ou não substituir humano... Eu ouvi uma frase de um executivo de uma big tech do Vale do Silício que dizia: toda vez que você coloca um ser humano para fazer aquilo que você não gostaria de fazer, você está escravizando esse ser humano. O robô nada mais é do que um escravo. É melhor escravizar uma máquina ou um ser humano?”, reflete.

Filipe Bento, especialista e empresário no mercado de tecnologia, atua também como mentor de empreendedores em busca de impulsionamento de seus negócios e carreiras. Em vez de temer a substituição, Bento propõe uma nova visão: a da tecnologia como uma aliada para um futuro de mais dignidade, liberdade e prosperidade.

O especialista não ignora os abalos que inovações como inteligência artificial provocam. Relatório do Fórum Econômico Mundial lançado neste ano calcula que 92 milhões de empregos serão destituídos até 2030, por causa da automação em massa. Por outro lado, no mesmo período, 170 milhões de novos empregos deverão surgir. Ou seja, há um saldo positivo de 78 milhões no horizonte.

No lugar do temor, a recomendação é se preparar. O mesmo relatório do Fórum Econômico Mundial adverte ser necessário “melhorar a qualificação das forças de trabalho, urgentemente”. Os novos postos de trabalho exigirão habilidades como criatividade, pensamento crítico e liderança — competências essencialmente humanas, e não mecânicas.

As atividades operacionais, estas ficarão com robôs. Bento observa que essa automação intensiva no mercado de trabalho já é uma realidade: robôs garçons, assistentes virtuais e sistemas autônomos estão

se expandindo em feiras e mercados na Ásia e na Europa. “Essa onda deve chegar cada vez mais rápido ao Brasil”, avalia.

Assim, continua, “quanto mais rápido aceitarmos essa transformação, mais rápido vamos trabalhar a educação para que as pessoas ocupem os novos empregos. Vamos chegar a um grau de prosperidade em que haverá dinheiro sobrando para cuidar das pessoas”. O especialista enumera alguns desses impactos.

A libertação do trabalho repetitivo e braçal é um deles. “Tarefas operacionais passam para as máquinas, liberando os profissionais para atuar de maneira estratégica e criativa”. Também, a redistribuição de renda. “A prosperidade gerada pela eficiência das máquinas poderá, com políticas adequadas, reduzir as disparidades econômicas globais.” Relatório recente da McKinsey indica que a IA deve gerar US\$ 12 trilhões em valor econômico global.

Por fim, um impacto não menos importante: uma “revolução na educação”. No entanto, para se concretizar, ela quer requer mudanças nos modelos de ensino. “O foco dos sistemas educacionais precisa migrar para o desenvolvimento de habilidades de inovação, adaptabilidade e solução de problemas, preparando profissionais para esse novo mercado”, considera o CEO do Atomic Group.